

EMPRÉSTIMO LINGUÍSTICO: O QUE É, COMO E POR QUE SE FAZ

Vito César de Oliveira Manzolillo (UERJ/USP)

O estudo dos empréstimos, das condições em que são transmitidos, da maneira como são assimilados e das reações iradas que provocam em certas pessoas é um dos capítulos mais fascinantes da história de qualquer língua. (ILARI & BASSO, 2009, p. 141.)

1. Fisionomia do léxico português

De acordo com Azeredo (2010, p. 393-4), “quando a língua portuguesa começou a ser escrita – nos fins do século XII ou início do século XIII – seu léxico reunia cerca de 80% de palavras de origem latina e outros cerca de 20% de palavras pré-romanas, germânicas e árabes”. Trata-se do acervo vocabular que se pode denominar hereditário, isto é, aquele surgido com o idioma, que a ele forneceu padrão fonético e morfológico.

A partir daí, fatores diversos colocaram o português em contato com várias outras línguas ao redor do planeta. Como resultado disso, a adoção de numerosas palavras pertencentes a esses idiomas, num processo de enriquecimento contínuo, que ainda hoje se verifica.

Nesse sentido, a língua portuguesa ostenta, em seu pecúlio lexical, vocábulos provenientes de sistemas linguísticos tão diferentes quanto o latim, o provençal, o catalão, o holandês, o hebraico, o persa e o quíchua ou o grego, o chinês, o turco, o sânscrito, o japonês, o alemão e o russo, sem falar em idiomas bem mais familiares, como o inglês, o francês, o espanhol e o italiano, os quais, juntamente com muitos outros, ajudaram a moldar esse heterogêneo mosaico que é o léxico português.

É preciso não esquecer, contudo, que a acolhida de unidades léxicas estrangeiras pelo português apresenta igualmente a sua contrapartida. Dessa forma, também se encontram, nos acervos lexicais de muitos sistemas linguísticos, lexemas de proveniência portuguesa, recebidos especialmente durante o período dos Grandes Descobrimentos, momento áureo da hegemonia lusitana no mundo. O fato de esse contingente ser pouco expressivo bem como os motivos de o português importar mais palavras do que exportá-las poderão ser satisfatoriamente explicados por razões extralinguísticas, pois, como oportunamente esclarece Langacker (1972, p. 188), “os caminhos do empréstimo lexical refletem até certo ponto os caminhos da influência cultural”.

Lembre-se ainda com Tagliavini (1993, p. 373) que “os empréstimos servem admiravelmente para reconstruir a história cultural de uma nação e suas relações com os outros povos, e não faltaram obras em que se ilustra a história da cultura precisamente através dos empréstimos”.

2. *Quadro-síntese dos empréstimos em língua portuguesa*

Em Cunha (2003, p. 8-9), encontra-se uma boa sistematização dos empréstimos recebidos pelo português ao longo de sua história. Tal esquema será agora reproduzido.

Entre as línguas que contribuíram para o enriquecimento vocabular do português, já nas suas origens, salientam-se o francês e o provençal. Datam do século XIII os primeiros empréstimos a estes dois idiomas, devidos, particularmente, à linguagem dos trovadores.

A partir do último quartel do século XV, logo após as grandes viagens empreendidas pelos portugueses à África, à Ásia e à América, e a descoberta do caminho das Índias, foram introduzidos no português algumas centenas de vocábulos oriundos dos idiomas indígenas dessas regiões – africanismos, asiaticismos e americanismos.

É no início do século XVI, em pleno Renascimento, que a língua italiana exerce forte influência, não apenas em Portugal, mas também na Espanha, na França, na Inglaterra, na Alemanha e em toda a Europa culta. Os empréstimos do italiano, especialmente no campo das artes, são bastante numerosos em português, e são comuns ao castelhano e ao francês.

A partir da segunda metade do século XVI e durante todo o século XVII é o castelhano que fornece ao português boa soma de empréstimos. É o período da dominação espanhola (1580–1640). Por essa época muitos escritores portugueses são bilíngues, como D. Francisco Manuel de Melo, talvez o mais ilustre de todos eles. Diga-se, de passagem, que já antes, em todo o século XVI, o castelhano era cultivado por poetas do porte de Camões, Diogo Bernardes e Pero de Andrade Caminha, entre outros.

De meados do século XVII, durante todo o século XVIII e todo o século XIX é a França que domina o panorama cultural da Europa. Da França partem as novidades que se irradiam por todo o mundo, acompanhadas naturalmente dos vocábulos franceses com que elas se nomeiam. É a época da invasão dos galicismos, tão repudiados pelos puristas de Portugal, do Brasil, da Espanha e dos países da América Espanhola.

O século XIX assiste à Revolução Industrial na Inglaterra e à consequente introdução nas línguas da Europa de numerosos anglicismos. A linguagem internacional das ciências (física, química, mineralogia etc.), da política e da administração, entre outras, é enriquecida com vários termos de origem inglesa, alguns cunhados por cientistas ingleses tão ilustres como Humphry Davy, Charles Lyell e Michael Faraday.

Depois da primeira Grande Guerra (1914-1919), mas principalmente após a segunda (1939-1945), com a elevação dos Estados Unidos da América do Norte a uma das grandes potências do mundo, ao lado da União Soviética, a língua inglesa assume uma posição de extraordinário prestígio no contexto universal. Os novos anglicismos, oriundos dos Estados Unidos, e, por isso mesmo, melhor denominados anglo-norte-americanismos, difundem-se em todas as línguas do mundo. Os anglo-norte-americanismos estão presentes na língua portuguesa e em todas as línguas de cultura, graças ao notável progresso material e cultural da grande nação do norte do Novo Continente.

3. *O empréstimo linguístico*

De acordo com Langacker (1972, p. 186), “o empréstimo não é nunca uma necessidade linguística, visto ser sempre possível ampliar e modificar o uso das unidades lexicais existentes para fazer face às novas necessidades de comunicação”¹⁴. Tal afirmativa,

¹⁴ Em linhas gerais, também é o que se lê em Possenti (2004, p. 175): “Se não usássemos a palavra emprestada, teríamos várias alternativas como saída (...). Inventariáramos uma palavra (...). Ou estenderíamos o sentido de outra” e em Ullmann (1977, p. 436): “Sempre que seja necessário um novo nome para designar uma ideia ou um objeto novos, podemos fazer uma destas três coisas: formar uma palavra nova a partir de elementos já existentes; importar um termo de uma língua estrangeira ou de qualquer outra fonte; finalmente, alterar o significado de uma palavra antiga.” Já Correia (2005) afirma: “Cada língua possui a capacidade e os mecanismos necessários à construção de neologismos passíveis de denominarem os conceitos que vão surgindo na sociedade, pelo que a entrada maciça de empréstimos numa língua é não apenas pernicioso, como claramente não constitui uma inevitabilidade.” Carvalho (2009: 80) completa: “A adoção

em alguma medida, corresponde à verdade. No entanto, quando se constata, no tempo presente, o desenvolvimento cada vez mais vertiginoso da ciência e da tecnologia, da economia, da moda e dos esportes, originados, quase sempre, nos países do assim chamado Primeiro Mundo, percebe-se que a utilização do termo estrangeiro constitui, muitas vezes, a única possibilidade viável para aqueles que importam esses frutos do progresso, já que produtos, serviços, técnicas e novidades em geral surgem muito velozmente, tornando difícil a substituição de suas designações internacionais. Conforme explica Rodrigues (1999, p. 206),

É por isso que a atual dependência tecnológica dos países periféricos, dos países que não têm intervindo [*sic*] efetivamente no processo inventivo e se limitam, por conseguinte, à importação tecnológica de técnicas inventadas por outros povos, acarreta inevitavelmente uma dependência linguística.

Além do mais, como assinala Fiorin (2013, p. 9),

Parece estar-se configurando em nosso tempo uma nova epistemologia linguística. Ela está ligada ao desmantelamento das fronteiras; à diminuição da soberania dos Estados nacionais com a criação das grandes entidades transnacionais; à livre circulação de bens e de capitais; à descrença nas grandes narrativas; enfim, ao fenômeno que é chamado globalização e à sua expressão cultural que é denominada pós-modernidade. As circunstâncias históricas criaram um tempo em que adquirem relevo as margens, o descentramento, o dialogismo, as mestiçagens, os hibridismos, as imigrações, a recusa da pureza. Esse ar do tempo leva a pôr em questão os construtos teóricos com que operamos e propõe uma epistemologia fundada na instabilidade, na continuidade, na mistura linguística, nas práticas de linguagem, na heterogeneidade, nos fluxos, nas trocas, nos entrelugares etc.

Também Koshiyama (2008, p. 53) afirma que

O estudo do processo histórico denominado de “globalização da sociedade” é um fato da atualidade e que tem merecido múltiplas abordagens no campo das ciências humanas. Temas recorrentes são o da desagregação de valores e das culturas tradicionais, o da formação de novos conceitos de espaço e de tempo, o da facilidade da adoção de uma perspectiva planetária para empresas financeiras e produtos da tecnologia de ponta. A perspectiva histórica registra que estão acontecendo mudanças em todos os campos da sociedade contemporânea. No campo das pesquisas em comunicação, verificamos que em todas as culturas aparece a oportunidade do contato real ou virtual com novos povos e novas experiências. A abertura para outras realidades provoca mudanças, o que em algumas culturas significa um aumento das diferenças e das contradições sociais e um incentivo às reações conservadoras. Ao mesmo tempo, forma-se um campo propício para a construção de novas identidades específicas resultantes de intercâmbios entre culturas.

Assim, no que respeita à ampliação do pecúlio lexical dos idiomas, parte-se, então, muitas vezes, como observa Carvalho (2002, p. 98), para a solução mais fácil e prática: “o mundo, as ciências, as técnicas e os costumes evoluem rapidamente; há urgência de nomear as novidades. Não se pode aguardar resultados de estudos prolongados e, na maioria das vezes, as normas apenas consagram nomes já em uso”. Nesse sentido, trecho de reportagem publicada há alguns anos no caderno de informática de um jornal carioca é bastante significativo. Em matéria relativa a jogos virtuais, o repórter constrói o seguinte período: “Basta ter um browser que aceite javascripts e ter os plug-ins da Macromedia instalados para efetuar o logon e se divertir de graça na grande rede” (*Jornal do Brasil*, Internet, 25.05.2000, p. 3). Na mesma linha, promoção realizada por empresa de TV a cabo deixa em situação difícil os que não conhecem profundamente as propriedades e características das guitarras modernas e também aqueles que não dispõem de um bom dicionário de inglês, uma vez que o texto relativo ao concurso é assim estruturado: “Faça a letra de um jingle, de até 10 linhas em comemoração ao aniversário da TVA, e concorra a uma

do termo estrangeiro pode ser um fato de cultura e gosto, mas é sempre gerada por uma necessidade prática. A cunhagem de um novo termo demanda tempo e interesse, enquanto a adoção é instantânea”.

guitarra modelo EG1121P da Yamaha, com gig bag, pitch pipe, strings, string winder, strap e pick” (*Revista TVA* nº 109, 09.2000, p. 9). Já um centro universitário privado carioca convida os futuros alunos a participarem de um novo formato de processo seletivo: “coffee break para intensificar o network entre os participantes, talk show sobre empreendedorismo e prova do vestibular mais dinâmica e adequada ao perfil business” (*Metro* (Rio de Janeiro), 07.12.2012, p. 7).

Considerado por Dubois *et al.* (1973, *empréstimo*), “o fenômeno sociolinguístico mais importante em todos os contatos de línguas, (...) o empréstimo não constitui apátrio exclusivo dos tempos modernos”. Grande parte dessa importância se deve ao fato de que nenhum povo – assim como nenhum indivíduo – é autossuficiente ou consegue sobreviver de forma isolada, o que, nos dias de hoje, cada vez mais se torna verdade e faz do empréstimo algo normal e corriqueiro em todo idioma vivo, uma consequência natural do contato linguístico e da interpenetração cultural. Conforme oportunamente assinala Aubert (2002, p. 210), “os contatos entre povos, línguas e culturas são tão antigos quanto o próprio multiculturalismo da espécie humana. Estamos, portanto, não diante de uma evolução recente, e sim diante de uma constante linguística e cultural¹⁵”. Rajagopalan (2003, p. 59) completa:

Hoje, principalmente nas populações urbanas do mundo inteiro, só vive desinformado quem quer se isolar do resto do mundo por vontade própria, sendo que os inúmeros cartazes e outdoors espalhados em lugares públicos e outras formas de propaganda agressiva ainda se esforçam para que o nosso “ludita” contumaz deixe de realizar seu sonho em plenitude.

Nesse sentido, numa época tão fortemente caracterizada por relações políticas, econômicas e culturais intensas, instantâneas e profundas, é fácil entender por que, de maneira geral, o empréstimo tem assumido papel relevante na renovação e na ampliação do pecúlio lexical das línguas. Além do mais, qualquer estudo sobre empréstimo linguístico deve partir do pressuposto de que não existem línguas puras. Todos os idiomas conhecidos, em maior ou menor grau, adotaram – e continuam a adotar – palavras oriundas de outras línguas. Naturalmente, os idiomas pertencentes a nações desenvolvidas do ponto de vista social, cultural, científico, tecnológico, político e econômico são aqueles mais aptos a exportar palavras. O prestígio e o poderio do país de onde parte o empréstimo certamente explicam, por exemplo, por que entre os séculos XVIII e XX o português – e muitas outras línguas – recebeu quantidade expressiva de itens lexicais do francês, o mesmo acontecendo na atualidade em relação ao inglês.

Esse fator prestígio, no entanto, deve ser considerado em termos relativos, pois, mesmo aquelas línguas pertencentes a povos tidos como culturalmente pouco desenvolvidos, em algumas situações, também se encontram em posição de destaque frente a outros idiomas. Justificam-se dessa maneira os *tupinismos* e os *africanismos* do português do

¹⁵ Discorrendo sobre a questão do empréstimo, Saussure (1969, p. 31) expõe que esse fato não constitui, “de modo algum, (...) um elemento constante na vida duma língua. Existem, em certos vales retirados, dialetos que jamais admitiram, por assim dizer, um só termo artificial vindo de fora”. Couto (s/d), por outro lado, afirma que “não existe nenhuma língua no mundo livre de contato com outras línguas. Por esse motivo, não existe nenhuma língua no mundo que não apresente algum tipo de interferência de outras.” Viaro (2011, p. 265), por sua vez, explica: “É um erro imaginar que línguas isoladas sejam puras, pois se não há isolamento linguístico perfeito hoje tampouco houve no passado (...)”. Na atualidade, cada vez mais, não resta dúvida de que o estabelecimento de relações entre povos diversos é uma realidade. Mesmo grupos humanos que, à primeira vista, nada têm em comum, acabam por trocar algum tipo de experiência e por receber influências culturais e linguísticas, como demonstram duas matérias publicadas por um jornal carioca acerca da chegada de equipamentos de informática a uma aldeia localizada na cidade de Angra dos Reis (RJ). As reportagens mostram inclusive que computadores e outros equipamentos similares, ao serem introduzidos entre os índios, promoveram uma expansão lexical, ensejando a criação de palavras ligadas à informática, até então desconhecidas naquele ambiente – cf. Machado (25.11.1998 e 30.11.1998).

Brasil, os quais puderam se tornar expressivos nesse novo ambiente apesar de estarem suas línguas e suas culturas de origem sofrendo um processo de dominação e de sufocamento na ocasião em que a língua portuguesa os acolheu. Para Jordan (1982, p. 406, nota 50),

Explicam-se da mesma maneira os empréstimos feitos pelos europeus “civilizados” às línguas dos nativos de outros continentes: como é que devem, por exemplo, ser denominados os objetos que se encontram apenas em determinadas regiões africanas ou asiáticas, se não com designações locais?

Couto (1994, p. 33) afirma ainda que “o inglês só precisa de termos importados quando se fala de coisas exóticas. É o caso de ‘junta’ (militar) e ‘guerrilha’ que, para vergonha dos latinos, foram tirados de suas línguas. Trata-se de assuntos alheios à cultura estadunidense”.

A partir do exposto, fica fácil perceber que a questão do empréstimo envolve outros tipos de condicionamento que não os estritamente linguísticos. Conforme explica Leite (2008, p. 14), “a linguagem é social, plena de valores, é axiológica, e, por meio dela, consciente ou inconscientemente, o falante mostra a sua ideologia”. Assim sendo, não existe nenhuma característica linguística específica do inglês capaz de explicar o motivo de tantas unidades léxicas inglesas exportadas nas últimas décadas. O mesmo poderia ser dito acerca do francês há aproximadamente dois séculos e do italiano na época do Renascimento, casos em que a supremacia em determinados setores, alcançada por esses povos dentro de contexto histórico específico, foi basicamente o que determinou a direção, a quantidade e o tipo de influência verificado. Na verdade, como bem esclarece Perini (2001, p. 31), “as línguas diferem muito pouco no que diz respeito a suas capacidades expressivas (...). Mas, como é evidente, diferem muitíssimo quanto a sua importância cultural, política e comercial”.

Quanto ao português, desde a época de sua constituição, já é possível notar a ocorrência de empréstimos. De fato, “ao longo de sua história (que começa pouco antes do movimento do trovadorismo, fortemente influenciado pela poesia provençal), a língua portuguesa sofreu a influência das numerosas línguas com que esteve em contato” (ILARI, 2002, p. 73).

Nesse ponto, é importante dizer que a denominação “empréstimo”, apesar de ser amplamente utilizada por linguistas e estudiosos em geral, não é aceita sem reservas por alguns autores. Ressaltando seu caráter eufemístico, Ali (1957, p. 186-7) lembra que as palavras emprestadas jamais são devolvidas, a não ser com outro empréstimo e que “na linguagem faz-se isto [empréstimo de palavras] sem cerimônia. Não se propõe nem se pede. Tira-se”. Ilari (1992, p. 149), por sua vez, afirma que “embora pouco exata, a expressão ‘empréstimo linguístico’ consagrou-se na maioria das línguas modernas¹⁶”, enquanto Robins (1977, p. 323) fala em “metáfora um tanto inadequada”, e Melo (1981, p. 150) diz que relativamente aos empréstimos linguísticos não se cobram dívidas. De modo bem-humorado, Câmara Jr. (1977, p. 76) lembra que

Este termo [empréstimo] tem sido uma ou outra vez criticado. Há quem não admita o termo, porque a forma que é tomada de outra língua não é devolvida para que se possa dizer que foi emprestada; seria o caso de sugerir-lhes que empreguem então a locução – “empréstimo com calote linguístico”.

Em outra oportunidade, o autor (2004, p. 285) complementa: “(...) em qualquer circunstância nunca há a rigor um empréstimo no sentido literal do termo. Há, sim, a adap-

¹⁶ Essa, por assim dizer, inadequação semântica também se verifica em outras línguas, por exemplo, inglês (*borrowing / loan word*), francês (*emprunt*), espanhol (*préstamo*) e italiano (*prestito*).

tação de um elemento a um novo sistema, em que ele ganha um novo valor e imprime uma nova configuração mais ou menos acentuada.” Deroy (1956, p. 18) também concorda ser impreciso chamar de empréstimo um elemento em relação ao qual seus novos usuários não têm obrigação ou intenção de devolver algum dia. Jespersen (1949, p. 208, nota 1), mesmo empregando as expressões *loan-words* e *borrowed words*, não deixa de destacar a impropriedade semântica denotada por elas, pois, ao contrário do que sucede nos casos que envolvem objetos ou dinheiro, os falantes da língua doadora não ficam privados de usar o elemento cedido. Além disso, não existe nenhuma expectativa de devolução envolvida nessa situação, sendo o empréstimo – para o autor, nada mais do que um ato de imitação – realizado independentemente da vontade dos usuários da língua exportadora. Castro *apud* Abad (1986: *adopción lingüística*) igualmente acentua que “o termo usado em linguística (...) não é exato, porque estas palavras são algo adquirido que nunca se devolve. ‘Adoções ou importações linguísticas’ é o que se deveria dizer”. Tagliavini (1993, p. 366-7), por seu turno, expõe que, no âmbito linguístico, as ideias de restituição e de privação de uso para quem cede não se relacionam à expressão. García Yebra (1997, p. 339) afirma que, apesar das eventuais incongruências semânticas anteriormente apontadas, o termo já se encontra arraigado na terminologia linguística internacional e deve seguir sendo usado. Calvet *apud* Phillipson (1997, p. 7) acrescenta que a expressão empréstimo não é coerente nesse caso, já que os falantes da língua receptora não têm nenhuma intenção de devolver o material cedido. Além disso, a transação é unidirecional, sendo realizada porque o produto (a unidade léxica) interessa ao idioma de chegada. Crystal (1997b, p. 332) igualmente menciona o fato de que palavras emprestadas não são devolvidas posteriormente. Por fim, Steinberg (2003, p. 20) informa:

Alguém já disse que empréstimo é um termo inadequado, pois foi tomado de outra língua e jamais devolvido. Mas, uma vez que ninguém perdeu nada, não houve prejuízo para a língua de origem. Chegou a ser sugerido o termo *adoção*. Dificilmente, porém, conseguimos mudar uma terminologia já consagrada. Empréstimo ou adoção, toda língua é enriquecida com grande número dessas palavras, que são verdadeiros marcos de influência estrangeira em uma sociedade¹⁷.

Como se vê, o empréstimo linguístico apresenta esta característica bastante singular: no futuro, o elemento acolhido poderá vir a ser esquecido, ignorado ou mesmo abandonado. A devolução ao legítimo dono, contudo, é algo que jamais virá a ocorrer.

Com o intuito de aprofundar o sentido do termo empréstimo, pode-se dizer que, em áreas como a Economia, esse é um conceito bastante difundido. Relativamente ao âmbito linguístico, uma consulta a alguns autores poderá trazer maiores esclarecimentos. Dubois *et al.* (1973: *neologia*) consideram adequado incluir o empréstimo de línguas estrangeiras

¹⁷ Essa questão parece superestimada pelos estudiosos. A nomenclatura linguística está repleta de termos cujos significados gerais não apresentam exata correspondência com os técnicos. Ilustrando esse fato, é possível mencionar os seguintes exemplos: *caso*, *singular*, *número*, *pessoa* etc. Com relação à categoria de número, Trask (2004: *número*) explica que “embora o nome dado à categoria gramatical seja ‘número’, é importante perceber que o número gramatical é uma coisa bastante diferente do número no mundo real: ele representa apenas uma tentativa, sempre imperfeita, de estabelecer uma correspondência entre a gramática e as distinções que podem ser feitas no mundo real.” Como observa Nascentes (1946, p. 108) numa comparação com a química, “em ciência é preciso muitas vezes conservar denominações impróprias, estabelecidas pelo uso, embora inexpressivas depois. Por que não se muda, por exemplo, o nome do oxigênio? O oxigênio quer dizer *gerador de ácidos*; o ácido clorídrico deixará de ser um ácido por lhe faltar oxigênio? E por que então a química não muda o nome do oxigênio visto haver ácidos gerados sem ele?” Insistir nesse tipo de comportamento levaria a que se rejeitasse também o uso de *virus* como termo da área da informática, afinal de contas, tal sentido não se coaduna com aquele (de certa maneira mais básico e no qual os falantes pensam primeiro) apresentado pela palavra na biologia ou na medicina. No entanto, como observam Krieger e Finatto (2004, p. 79), algumas unidades lexicais são polivalentes, pois “participam de mais de uma terminologia, expressando diferentes significados em cada campo do saber, como é o caso de *cromático*. Esta é uma qualidade que pode tanto remeter à cor quanto à música, conforme o domínio de conhecimento em pauta. Trata-se do princípio de economia da língua (...)”.

entre os *neologismos formais* (formas novas, unidades lexicais até então inéditas). Além disso, julgam que “há *empréstimo linguístico* quando um falar A usa e acaba por integrar uma unidade ou um traço linguístico que existia precedentemente num falar B e que A não possuía; a unidade ou o traço emprestado são, por sua vez, chamados de *empréstimos*” (DUBOIS *et al.*, 1973, *empréstimo*). Castro (2001, p. 105) trabalha com a definição anterior, apesar de preferir a denominação *aporte*, segundo o seu ponto de vista, semanticamente mais apropriada. Macedo (1979, *empréstimo*) explica que empréstimo é a “utilização que faz uma língua dos termos de outra língua.” Já Câmara Jr. (1977, p. 76), baseado em Bloomfield¹⁸, define empréstimo como “intromissão de um elemento de sistema estranho no sistema considerado”, devendo a noção de “sistema estranho” ser entendida da forma mais ampla possível, isto é, levando-se em conta também a existência de transferências intralinguísticas, verificadas entre diferentes regiões, camadas sociais ou níveis de linguagem, além daquelas em que o trajeto percorrido é “língua comum” → “terminologias especiais” (ou vice-versa). Em outra ocasião, o mesmo autor (1989, p. 192) relaciona empréstimo com “o conjunto de mudanças que uma língua sofre em contato com outras”. Invocando ainda Bloomfield, caracteriza empréstimo como a “adoção de traços linguísticos diversos dos do sistema tradicional” (1989, p. 193), admitindo igualmente transferências internas como as anteriormente mencionadas. Spalding (1971, *empréstimo*) considera empréstimo aquela “expressão estrangeira adotada em vernáculo. (...) Pode ser de uma língua a outra, de um dialeto a uma língua (...), de uma língua a um dialeto, de um dialeto a outro”. Para Andrade (2002, p. 36),

Entender-se-á **empréstimo linguístico** como o fenómeno que consiste na passagem de unidades lexicais, morfemas ou acepções de um sistema A para um sistema B. Essa transferência pode ser interna – consistindo na passagem dessas unidades de um para outro registo numa mesma língua, – ou possuir um carácter, fundamentalmente, externo – assumindo o léxico de uma língua natural A unidades pertencentes a uma língua natural B.

Bechara (2010, p. 509) ressalta a capacidade de ampliação lexical desse expediente linguístico e afirma que

Outra fonte de revitalização lexical são os *empréstimos*, isto é, palavras e elementos gramaticais tomados (*empréstimos*) ou traduzidos (*calcos linguísticos*) de outra comunidade linguística dentro da mesma língua histórica (regionalismos, nomenclaturas técnicas e gírias), ou de outras línguas estrangeiras – inclusive grego e latim –, que são incorporados ao léxico da língua comum.

Além disso, informa também que

Os estrangeirismos léxicos se repartem em dois grupos: os que se assimilam de tal maneira à língua que os recebe, que só são identificados como empréstimos pelas pessoas que lhes conhecem a história (...); e há os que facilmente mostram não ser prata da casa, e se apresentam na vestimenta estrangeira (...) ou se mascaram de vernáculos (...). O termo *empréstimo* abarca estas duas noções e se aplica tanto aos estrangeirismos léxicos quanto aos sintáticos e semânticos (2010, p. 489).

Carvalho (1983, p. 44) opina que “o termo empréstimo designa uma palavra estrangeira adotada pela língua, empréstimo externo, mas também pode ser usado para designar um termo de linguagem especial ou técnica que passou para o uso geral, empréstimo interno”. Em outra oportunidade (2011, p. 43), relaciona o termo à “palavra estrangeira que, ao ser incorporada à língua, é uma adoção (...). É o que chamamos de neologismo por adoção”. Pisani (s/d, p. 55) conceitua empréstimo como “uma forma de expressão que uma comunidade linguística recebe de uma outra comunidade”. O autor lembra ainda que o empréstimo pode ser morfológico, sintático, fonético e lexical (o tipo mais comum). Quando aborda especificamente as influências que um idioma pode exercer sobre outro,

¹⁸ De acordo com Carvalho (2009: 48), deve-se a Bloomfield a divulgação do termo empréstimo.

Pisani (s/d, p. 223) diz que os empréstimos são “elementos formais, palavras ou meios morfológicos, que passam de uma língua a outra com seu o significado ou com a sua função, por vezes de forma restrita ou parcialmente modificada”. Luft (1973, *empréstimo*), para quem o conceito designa um “elemento linguístico estrangeiro incorporado no sistema tradicional de uma língua”, afirma que “os empréstimos podem ser fonéticos (...), afixais (...), lexicais (...), sintáticos (...) e semânticos”. Borba (1976, *empréstimo*) define o termo como a “adoção de formas numa língua por causa de seus contatos com outra ou outras”. Apesar de admitir a existência de empréstimos de fonemas, de morfemas e de tipos sintáticos, o autor (1976, *empréstimo*) acentua que “o grosso dos empréstimos é vocabular por ser o léxico a parte da língua mais vulnerável às influências estranhas”, com o que concordam Giacomozzi *et al* (2004, *empréstimo*). Para esses últimos, o empréstimo é entendido como “palavra, expressão ou construção sintática provenientes de língua diferente daquela do país, já incorporadas no sistema da língua”. Na visão de Tagliavini (1993, p. 368),

Se entende por “empréstimo” ou “palavra emprestada” uma palavra de uma língua que provém de outra língua, distinta da que constitui a base principal do idioma que recebe, ou que, se procede dessa língua-base, não é por transmissão regular, contínua e popular, mas por ter sido tomada posteriormente.

Galisson e Coste (1983, *empréstimo*) consideram que

“Empréstimo” e “decalque” são transferências de língua para língua, processos de enriquecimento por contato utilizados por línguas naturais para preencher lacunas no seu próprio sistema – essencialmente no seu sistema lexical –, ou para tornar mais flexível a sua utilização.

Mais adiante, os autores (1983, *empréstimo*) explicam o empréstimo, enquanto processo, como a passagem, sem alteração, de um elemento característico de uma língua para outra. Ainda de acordo com Galisson e Coste, trata-se de uma transferência total, isto é, o significante e o significado do signo estrangeiro (quase sempre um lexema) são conservados. Os dois estudiosos – e também Trask (2004: *palavra emprestada* ou *empréstimo*) – observam ainda que o termo empréstimo pode ser empregado a fim de designar tanto o processo de transferência quanto o próprio elemento transferido. Segundo Correia e Almeida (2012, p. 70), “trata-se (...) de um termo polissêmico (situação que é indesejável em qualquer terminologia específica)”. Assim, na visão dessas autoras (2012, p. 70), a palavra empréstimo denota: “processo de transferência de uma unidade lexical de um registro linguístico para outro dentro da mesma língua (“empréstimo interno”), ou de uma língua para outra (“empréstimo externo”); unidade que resulta do processo de transferência anteriormente descrito”. Ferreira (2010, *empréstimo*), ao conceituar empréstimo, privilegia o resultado do procedimento, considerando-o o efeito do contato entre línguas diferentes, o resultado da influência de uma cultura sobre outra ou do aprendizado de uma língua por grupos sociais estrangeiros, que tem como consequência a incorporação de elementos alienígenas ao sistema linguístico e/ou ao léxico do idioma que realiza o empréstimo. Seco Reymundo *et al.* (1999, *préstamo*) oferecem uma definição simples, direta, curta, abrangente e vaga para o termo: “Palavra tomada de outra língua”, praticamente a mesma que se encontra em Nascentes (1946, *empréstimo*): “vocábulo tomado de outra língua”. Já Trask (2004, *palavra emprestada* ou *empréstimo*) entende empréstimo ou *palavra emprestada* como “uma palavra copiada em uma língua com base em outra língua”. Para Neveu (2008, *empréstimo*), “o termo *empréstimo* designa um processo segundo o qual uma língua adquire uma unidade lexical integrada ao léxico de uma outra língua”. Ainda segundo o autor (2008, *empréstimo*), tal noção apresenta “um valor muito amplo em lexicologia”, abrangendo os conceitos de xenismo e de decalque. Na opinião de Dubuc (1999, p. 150-1),

O empréstimo é um fenômeno através do qual se transfere uma unidade léxica de um sistema ou de um subsistema linguístico a outro. Existem dois tipos de empréstimos: o empréstimo externo, extraído de um sistema linguístico estrangeiro e o empréstimo interno, extraído de subsistemas diferentes dentro do sistema linguístico em questão.

Lüdtke (1974, p. 22) considera empréstimo num sentido mais restrito relativamente a outros autores. De acordo com esse estudioso, em geral, o empréstimo se dá apenas na esfera lexical. Além disso, é resultado de uma relação unilateral, na qual uma língua A cede a outra língua B ou vice-versa, não havendo, simultaneamente, cessão de A para B e de B para A. Para Crystal (1997b, p. 422), *empréstimo* é a palavra (ou outro elemento linguístico) pertencente a uma língua ou dialeto introduzida em outra língua ou dialeto. Robins (1977, p. 324), por sua vez, define o termo da seguinte forma: “aquelas palavras que não estavam no vocabulário em um período e que nele estão num período subsequente, sem terem sido construídas pelo estoque léxico existente de uma língua ou inventadas como criações inteiramente novas”. Assumpção Jr. (1986, p. 105) não adota a expressão empréstimo em sua obra acerca de neologismos em língua portuguesa. Em seu lugar, prefere *apropriação*.

De acordo com alguns autores, a necessidade constitui um fator importante para a existência de empréstimo. Para Simões (2006, p. 73), “o neologismo por empréstimo estrangeiro só deveria incorporar-se ao léxico geral (ganhando espaço nos dicionários e vocabulários oficiais) quando, de fato, preenchesse uma lacuna expressional”. Bergo (1986, *empréstimo*), por seu turno, assim o define: “palavra estrangeira incorporada, por necessidade, no vocabulário nacional”, enquanto Biderman (1984, *empréstimo*) informa tratar-se o termo de “palavra que foi tomada emprestada de uma outra língua por não existir termo correspondente no idioma que acolheu o empréstimo”. Em outra ocasião, ao falar de neologismos, a autora (2001, p. 208) considera o empréstimo estrangeiro como um tipo de *neologismo formal e conceptual*. Especificamente com relação aos anglicismos, afirma que “esses significantes com os seus respectivos significados acompanham, muitas vezes, um novo referente (= um objeto, por exemplo) que passamos a incluir no nosso universo cultural e na nossa vida quotidiana”.

Rocha (2008, p. 71) salienta o poder de ampliação do empréstimo, que divide em duas categorias: empréstimo sob a perspectiva sincrônica (ou simplesmente empréstimo) e empréstimo sob a perspectiva diacrônica. Levando em consideração o léxico da língua portuguesa, do primeiro grupo, fariam parte as formas que ostentam “um fonema ou uma sequência de fonemas estranhos ao sistema fonológico do português”. No segundo, incluem-se palavras totalmente integradas aos sistemas fonológico e ortográfico do português, as quais, segundo o autor (2008, p. 72), “não são consideradas como empréstimos pela competência lexical dos falantes do português atual”. Rigorosamente falando, então, o termo empréstimo ficaria reservado apenas às unidades lexicais do primeiro grupo. Rocha (2008, p. 71-2) reconhece ainda que o critério por ele adotado para o estabelecimento do que vem a ser empréstimo não é único. Na verdade, trata-se este de um critério pouco consistente, pois, quando a configuração fonológica e ortográfica da unidade lexical peregrina é compatível com a da língua de chegada (cf., relativamente ao português, palavras como *granizo, bolero, gana, cascata, pane, pose, piloto, bar* etc.), jamais existiu um momento em que foi possível perceber a presença de “um fonema ou de uma sequência de fonemas estranhos”. Além do mais, é incoerente considerar que um item léxico estrangeiro possa vir a perder seu caráter de empréstimo à medida que a fixação desse elemento no novo ambiente ocorra. Sua procedência e origem alienígenas bem como sua forma de chegada ao novo sistema não mudam nem com a passagem do tempo nem com uma afetiva integração no idioma receptor, como salienta Bloomfield (1967, p. 449).

Quando a adaptação é completa, como em *chair* (há muito emprestada do Antigo Francês) ou em *chauffer*, a origem estrangeira da forma desapareceu, e nem o falante nem, conseqüentemente, uma descrição relevante pode distingui-la de formas nativas. O historiador, contudo, que se preocupa com origens, vai classificar essa forma como *empréstimo*. Então, *chair* e *chauffeur*, no estado atual da língua, são palavras inglesas comuns, mas o historiador, levando o passado em conta, classifica-as como *empréstimos*.

Por todo o exposto até o momento, está claro que a ideia de empréstimo pode ser aplicada a outros componentes linguísticos que não o vocabulário. É óbvio, entretanto, que, apenas em nível lexical, essas transferências acontecerão de maneira ampla e significativa, o que se explica pelo fato de o léxico ser, em última análise, nada mais do que uma lista de palavras¹⁹; um elemento a mais ou a menos nesse conjunto afeta pouco o funcionamento do sistema como um todo²⁰. Além disso, nas palavras de Azeredo (2010, p. 132), os significados lexicais associam-se “aos dados do mundo externo à linguagem; naturalmente numerosos devido à sua função de ‘nomear o mundo’, eles formam conjuntos extensos e potencialmente ilimitados”.

Na verdade, a afirmação de que o empréstimo do tipo lexical ocorre assim de forma tão fácil carece de maiores esclarecimentos, uma vez que alguns setores do vocabulário se mostram bastante resistentes a mudanças, sejam elas originadas no próprio sistema (acréscimo ou redução de semas, por exemplo), sejam elas devidas a influências externas. Assim, tendem a permanecer inalterados por longos períodos de tempo, porque expressam noções básicas ou mezinhas, de alguma forma, relacionadas a qualquer ser humano, e não apenas àqueles pertencentes a uma cultura específica, itens lexicais ligados a campos semânticos como **partes do corpo** (*cabeça, mão, pé, braço, perna, olho, boca, nariz, osso, peito, dedo, coração* etc.), **elementos da natureza** (*sol, lua, água, chuva, estrela, fogo, ar, pedra, mar, rio, céu, terra, mato, morro, árvore, flor* etc.), **relações de parentesco** (*pai, mãe, avô, irmão, filho* etc.), **substâncias básicas** (*ouro, ferro, madeira, prata* etc.), **(atividades e sentimentos elementares** (*amar, andar, viver, comer, beber, correr, dormir, cheirar, sair, ouvir, falar, rir, entrar, chorar, ser, estar, nascer, morrer, subir, descer, ódio, amor, paz* etc.), **animais comuns** (*cão, gato, leão, tigre, mosca, cobra, aranha, peixe* etc.), **qualidades básicas** (*leve, pesado, alegre, triste, alto, baixo, gordo, magro, claro, escuro, bonito, feio* etc.), **dias da semana, meses e estações do ano** (*sábado, domingo, março, maio, dezembro, inverno, outono* etc.), **cores fundamentais ou primárias** (*azul, vermelho, verde, amarelo* etc.), **noções religiosas ancestrais** (*alma, deus* etc.), que constituem o que os estudiosos chamam de vocabulário fundamental ou de fundo léxico comum, isto é, vocábulos não culturais ou nucleares nas palavras de Câmara Jr.

¹⁹ Obviamente, essa assistemática do léxico fica patente apenas quando este é comparado à gramática. Como oportunamente assinala Carvalho (2011, p. 87), “o vocabulário não pode ser visto como um inventário de conceitos isolados, nem como uma listagem aleatória de termos. Ao contrário, é um sistema organizado de valores, o que demonstra na sua forma de estruturação em relações de equivalência, de semelhança e de oposição.” Já Antunes (2007, p. 42) explica: “Dessa forma, ganha sentido afirmar que o léxico é mais do que uma lista de palavras à disposição dos falantes. É mais do que um repertório de unidades. É um depositário dos recortes com que cada comunidade vê o mundo, as coisas que a cercam, o sentido de tudo”.

²⁰ Ponto de vista semelhante encontra-se em Câmara Jr. (1977, p. 78-82 e 1989, p. 253-68) e em Carvalho (2009, p. 53-4), textos em que essa questão é discutida de forma mais detalhada. Já Cardoso e Cunha (1978, p. 138) afirmam que “o empréstimo (...) só se observa, em rigor, nos domínios do léxico ou do vocabulário. Com efeito, parece não haver línguas que recebam de outras, caracteres do sistema fonológico ou morfológico. Aliás, as condições sob as quais o empréstimo se efetiva são bastantes para atestar que o fenômeno de sua aclimação é de exclusivo alcance léxico”. Crystal (1997a, p. *borrow(ing)*) igualmente reconhece a primazia dos empréstimos lexicais, embora admita que, em certas situações, fonemas e estruturas gramaticais também possam ser transferidos. Por fim, Viaro (2011, p. 272) explica que “algumas classes são mais facilmente importadas do que outras. Há mais empréstimos de substantivos, adjetivos e verbos do que de preposições, artigos, pronomes pessoais e morfemas flexionais. No meio do caminho estão os numerais, os morfemas derivacionais, advérbios, conjunções e pronomes indefinidos”.

(1977, p. 78). Então, é somente entre os chamados vocábulos culturais ou não nucleares, ou seja, aqueles mais diretamente relacionados com uma cultura específica, que se observa, de forma expressiva, a ocorrência de empréstimo linguístico.

Do mesmo modo, é entre os substantivos que se percebe uma quantidade significativa de empréstimos. Conforme se lê em Vilela (1994, p. 65),

A classe substantivos é a parte do discurso mais marcada pela formação de palavras, como aliás pela neologia, pelos empréstimos etc. É que os substantivos são a classe por onde passa a designação das coisas inventadas ou importadas, são ponto de partida para a nomeação de tudo o que a tecnologia e o progresso trazem de novo para uma comunidade.

Na realidade, quanto mais profundamente um elemento estiver identificado com a gramática de uma língua, menos chances terá de passar a outra. O fato de designarem objetos materiais ou conceitos abstratos explica por que os substantivos, graças justamente a essa característica específica, transformam-se intensa e continuamente ao longo do tempo. Os adjetivos, comparados com os substantivos, não apresentam a mesma facilidade de transferência. A adoção desses vocábulos é menos comum, exigindo uma assimilação mais profunda da mentalidade estrangeira em questão. A despeito disso, nos últimos tempos, diversos adjetivos provenientes do inglês têm tido livre trânsito entre os falantes do português do Brasil, contrariando a afirmação feita por Sandmann (1992, p. 74) de que “a entrada de adjetivos como *esnobe* e *bigue* são exceções e bem raras”.

Nesse sentido, *beat* (“Os três [Jack Kerouac, Allen Ginsberg e William Burroughs] lideraram a geração beat, que, nos anos 50, confrontou a hipocrisia americana e a cultura de massa” – *Época*, 01.11.2010, p. 128), *big* (“Uma sensualidade chique atravessa as 22 páginas do produto [calendário Pirelli] que será lançado numa big festa na quinta-feira 18, no Rio” – *Isto É*, 17.11.2004, p. 79)²¹, *clean* (“Na contramão da estética *clean* vigente, *Amarelo manga* é uma espécie de ‘filme-viagra’” – *Jornal do Brasil*, Programa, 15 a 21.08.2003, p. 12/“Na Gestos, como na maioria dos espaços que oferecem aulas de pilates, ioga e afins, a música é suave – em geral jazz, bossa nova ou algo do gênero –, a decoração é clean e o espaço, perfumado” – *Veja*, *Veja Rio*, 30.07.2003, p. 9), *cool* (“Um grupo de alemães identifica-se como neonazista e costuma irritar os frequentadores [de um bar virtual recém-aberto] mais *cool*” – *O Globo*, Ela, 09.09.2000, p. 5/“Você se acha uma mulher Armani só porque é chique e cool?” – *O Globo*, Ela, 29.03.2003, p. 6), *cult* (“Candidato a filme cult” (tít.) – *Jornal do Brasil*, Programa, 26.09 a 02.10.2003, p. 8/“O novo canal Retro e o Boomerang investem em séries cult e desenhos” (subtít.) – *Isto É*, 27.08.2003, p. 98), *dark* (“Todos concordam que o terceiro Potter, tanto no livro quanto nas telas é mais dark” – *Folha de São Paulo*, Folha Ilustrada, 04.06.2004, p. E1), *diet* (“No campo das sobremesas, também é possível entregar sem perder a linha, com opções como o Definitivamente-estou-de-dieta, uma tortinha de ricota sem açúcar com passas e coberta de geleia diet de frutas vermelhas” – *Jornal do Brasil*, Programa, 13 a 19.02.2004, p. 35. Também a forma *antidiet* foi encontrada: “Por lá [a casa noturna Bon-sucesso Blues], passam figuras como Murchinho, primo-problema de Etcétera, o autor-narrador e muitas mulheres, na fartura antidiet que o subúrbio pratica” – *O Globo*, Prosa & Verso, 22.10.2011, p. 4), *fake* (“As criações são em couro *fake*” – *Jornal do Brasil*,

²¹ Como oportunamente observa Neves (2003, p. *big*), “é adjetivo inglês que significa ‘grande’ e que é usado, em português (especialmente na linguagem oral), na mesma posição que tem no inglês, isto é, anteposto ao substantivo, posição que não é a que os adjetivos têm, em geral, no português. O uso é enfático.” Em inglês, somente em alguns poucos casos, adjetivos aparecem pospostos ao substantivo ao qual se referem, como salienta Martínez (2003, p. 14): “A palavra *light* aplicada a marcas de comida e bebida (...) é um dos raríssimos exemplos em inglês em que um adjetivo vem depois do substantivo. Para qualquer outro uso, a palavra *light* viria antes da palavra, como é o padrão em inglês (...). Outro exemplo desse fenômeno seria o uso de *free* como nos termos *frost free* e *duty free*.”

09.02.2003, p. B9/“Vá lá que a Estátua da Liberdade é *fake*, mas a inauguração do New York City Center, na noite de anteontem, encheu de orgulho os moradores da Barra, felizes com a promoção de sua Miami dos trópicos à filial da Big Apple” – *O Globo*, 05.11.1999, p. 18/“Os berços ficam em uma espécie de palco, com direito a luzes espalhadas e uma janela *fake* em cima” – *O Globo*, Revista O Globo, 27.11.2011, p. 48), *fashion* (“No ano passado, o lendário designer francês [Yves Saint-Laurent] comoveu o mundo *fashion* ao se aposentar depois de mais de quatro décadas de carreira” – *Jornal do Brasil*, Caderno B, 15.02.2003, p. B7/“No capítulo que irá ao ar dia 15 de abril, ela [Betty, personagem da novela *Betty, a feia*] trocará os óculos de lentes grossas por outros de armação mais leve e moderna. O figurino também ficará mais *fashion*” – *O Globo*, Revista da TV, 30.03.2003, p. 9), *gospel* (“Só no ano passado, o mercado *gospel* movimentou aqui R\$ 1,5 bilhão” – *O Globo*, Revista O Globo, 13.11.2011, p. 9), *hippie* (“Para narrar um confronto de três gerações de mulheres de uma família em ‘Paz, amor e muito mais’, Beresford contou com o humor de Jane Fonda no papel de uma avó *hippie* que se adapta aos novos tempos” – *O Globo*, Segundo Caderno, 12.10.2011, p. 6), *light* (“A trilha da Pedra Bonita, na Floresta da Tijuca, é *light* e rápida, uns 40 minutos andando” – *Jornal do Brasil*, Programa, 10.08.2001, p. 27/“Editoras como a Ediouro, com sua coleção *Clássicos para o jovem leitor*, trazendo obras famosas de todos os tempos, ou a Scipione, que acaba de lançar *Hamlet*, de Shakespeare, em versão *light* amaciada por Telma Guimarães Castro Andrade, vão ao encontro da ideia de oferecer literatura de qualidade ao público infanto-juvenil” – *Isto É*, 19.03.2003, p. 94/“Nas poltronas, dividindo latinhas de refrigerante *light*, acomoda-se um plantel de supercraques, astros do time que os espanhóis, orgulhosamente, chamam de ‘intergalático’” – *Veja*, 10.12.2003, p. 130/“A festa tinha também comidas *light* em dois bufês, onde as pessoas se serviam em pratos bem pequenos” – *O Globo*, Segundo Caderno, 09.10.2011, p. 5), *nerd* (“É no calor do écran que ele [o diretor Tim Burton] chora suas mágoas de moleque *nerd*, sublimando frustrações da infância em imagens de beleza e candura irrefutável, mas inadequadas à proposta do longa” – *Jornal do Brasil*, Programa, 20 a 26.02.2004, p. 5/“Sujeito [Andy Stitzer, o protagonista do filme *O Virgem de 40 anos*] com uma vida encaminhada (...), ele mantém alguns hábitos *nerds* como colecionar revistas em quadrinhos e bonecos de heróis” – *O Globo*, Revista da TV, 09.10.2011, p. 21), *nonstop, pop* (“A erudição *pop* de Eco” (tít.) – *O Globo*, Prosa & Verso, 29.10.2011, p. 6/“Banda [Vanguart] faz show hoje no Rio para lançar seu terceiro álbum, no qual reúne canções de amor, mais leves e *pop*, longe das cores depressivas que deram o tom do disco anterior” (subtít.) – *O Globo*, Segundo Caderno, 04.10.2013, p. 2/“O padre [Reginaldo Manzotti], definitivamente, é *pop*” – *Época*, 25.04.2011, p. 98 /. Também a forma *pop-divertido* foi achada: “A exposição de fotos de Ivan Cardoso (...) é um passeio pelo Rio desbundado dos anos 70 e 80. (...) É *pop-divertido*” – *O Globo*, Segundo Caderno, 08.10.2011, p. 5), *sexy* (“Ousado, conceitual e, de certa forma, subversivo, o estilista [André Camacho] apresentou uma coleção *sexy*, com peças inspiradas nos jogos de Vale Tudo” – *Jornal do Brasil*, Caderno B, 08.02.2003, p. B7/“O que torna você *sexy*?” (tít.) – *Veja*, 21.01.2004, p. 74-5/“A revista *gay* ‘Junior’ realiza em seu site a eleição dos dez homens mais *sexies* do Brasil” – *O Dia*, 26.11.2011, p. 50), *teen* (“Empresas atuam no mercado *teen* para fidelizar clientes” (tít.) – *Gazeta Mercantil*, *Gazeta do Rio*, 14,15,16.04.2000, p. 2/“Sem fazer alarde [a atriz Priscila Fantin], vai cativando o coração dos meninos. É um charme discreto, bem *teen*” – *O Globo*, Planeta Globo, 26.12.1999, p. 4/“O mundo sem emoção de um astro ‘*teen*’” (tít.) – *O Globo*, Segundo Caderno, 07.10.2011, p. 2), *trash* (Fidel, Itamar e Newton Cardoso... que elenco *trash* maravilhoso!” – *O Globo*, Segundo Caderno, 05.07.1999, p. 8/“É para isso que o festival apresenta a mostra Loucos Por Cinema, uma seleção preparada pelo ator José Wilker para homenagear esses sujeitos que fazem filmes do jeito que dá, sem se

intimidar pela falta de recursos ou o medo de ser *trash*” – *O Globo*, Suplemento Publicitário (Festival do Rio 2003), 20.09.2003, p.16/“Ela [a programação da Casa da Matriz durante o carnaval] começa na sexta, com uma edição especial da *Brazooka*, com os DJs Janot e Wella no comando de uma hora de música trash misturada a marchinhas” – *Jornal do Brasil*, Programa, 20 a 26.02.2004, p. 42), *underground* (“O ator [Horácio Camandule], que exibe um ar soturno no filme (...), saiu da cena *underground* de Montevideú, onde atuava em comédias em pé” – *O Globo*, Segundo Caderno, 22.08.2009, p. 2. Também a forma *sexy-undreground* foi registrada: “Depois do lançamento de ‘Elvis e Madonna’ numa noite de swing do Centro, agora é o longa ‘A novela das 8’ (...) que ocupa espaço *sexy-underground* para comemorar a estreia no Festival do Rio” – *O Globo*, Segundo Caderno, 08.10.2011, p. 5), além de expressões ou de siglas eventualmente empregadas com valor adjetival – *fulltime* e *VIP*²², por exemplo – já se incorporaram à linguagem de muitos brasileiros. Nem sempre, entretanto, se trata de adjetivos em sentido restrito. Alguns dos vocábulos anteriormente mencionados funcionam também, em alguns casos, como substantivos no inglês, mas, em virtude de uma particularidade gramatical dessa língua, mudam de classe ao serem antepostas a outro substantivo.

Até as preposições inglesas *in* (“O interior nunca esteve tão *in*” – *Época*, 07.04.2003, p. 75/“Se o crime ocorresse na periferia de São Paulo, talvez não tivesse tamanha repercussão. Perturbador é exatamente isto: o duplo assassinato não ocorreu na zona cinzenta da marginalidade e da exclusão social. Os três cúmplices são legítimos representantes da inclusão, *In*.” – *Jornal do Brasil*, 16.11.2002, p. A11) e *out*, a exemplo do que ocorre nos EUA, já são usadas no Brasil como qualificativos, significando, respectivamente, algo similar a “moderno”, “atual”, “positivo” e “antiquado”, “ultrapassado”, “fora de moda”. Quanto à preposição *by*, de idêntica procedência, aparece com valor de preposição mesmo (“Mercado para o final da tarde, o casamento terá decoração 100% *balinesa by* Stilo Ásia, com *lounges* para os 200 convidados espalhados entre o altar e o jardim” – *Jornal do Brasil*, Caderno B, 17.02.2003, p. B3), numa clara demonstração de que a influência do inglês alcança também setores do léxico mais identificados com a gramática do português brasileiro. Já *off* (“Semanas atrás, gravou e postou na web um vídeo de pouco mais de três minutos em que folheia a nova obra, permitindo que o espectador a veja por dentro, enquanto faz uma narração reveladora em *off*” – *O Globo*, Segundo Caderno, 09.10.2011, p. 1), “palavra gramatical inglesa us. para indicar separação ou distanciamento físico” (HOUAISS & VILLAR, 2009, *off*), não apenas recebeu registro lexicográfico como é utilizada na formação de novas unidades léxicas em português, conforme se vê nesta passagem: “De escaladas nos principais cartões-postais a festas em que o

²² *Very important person* (pessoa muito importante) é seu significado completo. A sigla chega até a se flexionar em número, como alguns dos exemplos seguintes poderão comprovar: “Os donos de apartamentos no Golden Green formam uma seleção do mundo *vip* carioca – os craques Romário e Ronaldinho, os monarcas das quentinhas Ariadne e Jair Coelho, o banqueiro Salvatore Cacciola, o técnico Carlos Alberto Parreira, a apresentadora Xuxa, o cantor Jorge Benjor e o empresário José Isaac Perez (proprietário do empreendimento e da cobertura de 900 metros quadrados), além de donos de supermercados, empresas de ônibus e de seguro-saúde” – (*O Globo*, 14.11.1999, p. 27), “Ontem, [o lavrador Rogério Ferreira] embarcou em um ônibus com outros 18 parentes rumo a Brasília para participar da posse de ninguém menos que o presidente eleito da República, o tio Luiz Inácio Lula da Silva. Rogério é um dos convidados *vips* da família Silva que prestigiará o evento” – (*Jornal do Brasil*, 30.12.2002, p. A3), “Cerimonial de Lula bate cabeça e constringe seus convidados *vips*” (subtít.) – (*Época*, 31.03.2003, p. 59), “Plateia *vip* e convidados *idem* para uma sessão *privé* de *Deus é brasileiro*, que vem fazendo uma das maiores bilheterias do cinema nacional” – (*Jornal do Brasil*, Caderno B, 13.02.2003, p. B3), “Há um próspero e voraz mercado aberto para famosos de todas as estirpes, o de presença *vip*” – (*Istoé*, 10.12.2003, p. 66) e “Para facilitar a vida dos executivos, a casa montou uma sala *vip*, com capacidade para 16 pessoas” – (*Jornal do Brasil*, Programa, 29.08 a 04.09.2003, p. 15). Martinez (2003: 33) informa ainda que, no idioma de origem, “o uso da expressão é quase igual em português, salvo pela pronúncia, que em inglês é ‘vi-ai-pi’, como as letras do alfabeto. Um americano ou britânico não iria entender ‘vip’.”

samba não tem vez, não faltam opções off-folia” (subtít.) – *O Globo*, 22.02.2004, p. 17. Por sua vez, um pronome pessoal inglês – *it* – passou para o português com o sentido de “encanto pessoal”, “magnetismo”, “charme”. Acompanhando uma tendência da própria língua inglesa, igualmente em português começou-se a utilizar a forma verbal auxiliar *must* com valor substantival, significando “nova moda”, “algo novo e bom” (“Promete ser um *must* o livro de memórias que André Jordan, o brasileiro que tanto sucesso faz em Portugal, vai escrever para marcar seus 70 anos, em 2005” – *Jornal do Brasil*, Caderno B, 12.02.2003, p. B3)²³.

Quando se fala em mudança linguística, contraposição possível de ser feita envolve os termos *evolução/deriva* (*drift*, segundo Sapir) de um lado, e empréstimo de outro. A primeira noção corresponde às transformações gradativas e inevitáveis sofridas por uma língua em sua história interna, as quais decorrem “do contato entre as variedades da própria língua e do dinamismo das relações sociais” (ZILLES, 2004, p. 155). Já o empréstimo constitui um fato pontual e estanque. Um elemento linguístico que não fazia parte de um idioma, graças a uma influência externa, a um contato entre línguas diversas, acaba por se incorporar a um novo ambiente linguístico. Evolução e empréstimo, quando associados, podem representar a causa do surgimento de formas convergentes, como ocorre em *manga* (“parte da roupa que cobre os braços”, o resultado da evolução do latim *manica*) e *manga* (“fruto da mangueira”, um empréstimo do malaiala).

Na segunda metade do século XIX, linguistas conhecidos como neogramáticos procuravam explicar a mudança fonológica por meio das chamadas leis fonéticas, que atuavam de forma regular e constante, exceto nos casos em que se dava analogia ou empréstimo, pois, como se sabe, vocábulos “que entram para uma língua depois que uma mudança de som parou de operar não são por ela atingidos” (ROBINS, 1977, p. 324).

Na investigação do léxico de uma língua, o chamado método *palavras e coisas*, proposto no século XIX por R. Meringuer e H. Schuchardt, também leva em conta a noção de empréstimo. É fato incontestado que muitas palavras, ao se transferirem de uma língua a outra, o fazem acompanhando o objeto que designam, causando, no povo receptor da novidade, um enriquecimento cultural (material) e linguístico a um só tempo. Tal situação propicia o estudo conjunto tanto das palavras quanto das coisas por elas designadas.

Para Thomason e Kaufman *apud* Clements (1994, p. 43), estudiosos das questões concernentes ao contato entre línguas, “empréstimo é a incorporação de traços de uma língua-fonte na língua nativa de uma comunidade, a língua *receptora*, desencadeada pelos falantes desta língua.” Ainda segundo os autores *apud* Clements (1994, p. 43),

Os empréstimos lexicais podem ocorrer sem que se verifique uma situação de bilinguismo muito alargada, mas os empréstimos estruturais sistemáticos requerem geralmente que o bilinguismo na comunidade de falantes da língua nativa se verifique durante um substancial período de tempo.

Muitos autores usam o fato de um item lexical estrangeiro não apresentar correspondentes vernáculos como justificativa para a aceitação de uma unidade léxica alienígena. No entanto, a questão da sinonímia é mais controvertida e polêmica do que pode parecer à primeira vista. A existência de sinônimos perfeitos é altamente questionável, quer entre palavras de uma mesma língua, quer entre palavras de línguas diferentes. Como

²³ Algo semelhante se deu com o substantivo *lavabo*, originalmente a forma verbal latina correspondente a *lavarei*, e com a interjeição *heureka*, que, inicialmente, apresentava em grego o sentido de *achei*. Os substantivos *déficit*, *habitat* e *superávit* também eram formas verbais do latim na origem, significando, respectivamente, *falta*, *habita* e *sobrou*. Na área jurídica, a expressão latina *habeas-data* (*tenha dados, informações*) identifica uma ação que permite ao indivíduo o livre acesso a informações relativas a sua própria pessoa.

oportunamente observa Fiorin (2004, p. 120), “é preciso considerar que, se, do ponto de vista do sistema, certas formas estrangeiras têm correspondentes exatos em português, do ponto de vista do uso, a língua não tem formas vernáculas ou emprestadas que sejam correspondentes perfeitos”. Assim, as unidades léxicas *sale, delivery* (“Alguns dos pratos do restaurante estão disponíveis no serviço de delivery” – *Jornal do Brasil*, Programa, 30.01 a 05.02.2004, p. 46), *coffee break, snack bar* e *shopping center* denotam modernidade e requinte, características ausentes nas formas *liquidação, entrega em domicílio, pausa/intervalo para o café, lanchonete* e *centro comercial*, muito embora cada elemento constituinte dos pares anteriores possa, teoricamente, ser associado ao mesmo referente. Apesar desse fato inegável, a distinção entre *ampliação* e *enriquecimento lexical*, proposta por Borba (2003, p. 82) relativamente às palavras criadas com recursos da própria língua, também parece poder ser aplicada ao caso dos neologismos por adoção. Para o autor, “o léxico se amplia pela simples criação de novas palavras e se enriquece quando as palavras são criadas para novas necessidades de comunicação”. Ainda que não se negue a existência de nuances significativas entre *pausa para o café* e *coffee break*, o uso dessa expressão inglesa jamais poderá ser justificado como no caso de *scanner*, por exemplo, que, de alguns anos a esta parte, tornou-se de uso generalizado entre falantes do português brasileiro em função da recente utilização desse novo aparato tecnológico, desconhecido até algum tempo atrás. No português atual, muitos itens lexicais nativos ou nativizados convivem com outros francamente estrangeiros, sem que expressivas diferenças *exclusivamente* significativas existam. (cf. *boxeador* ou *pugilista/boxer* ou *boxeur, faroeste/western, senhora/madame, roteiro/script, estação/gare* (em desuso), *programa/software, franquial/franchising, assalto/round*²⁴, *nado livre/crawl* e *pré-estreia*²⁵/*avant-première*.)

Verifica-se também o caso de a convivência entre lexemas vernáculos e peregrinos propiciar o surgimento de diferenças significativas entre os elementos em questão. A esse respeito, mencione-se o exemplo do persa, que, para muitos vocábulos de origem árabe, apresenta igualmente um congêner de proveniência indo-europeia. Da mesma forma, o inglês, em certas situações, ao lado de um item léxico nacional, exibe ainda um correspondente francês, via de regra mais refinado, intelectual, elevado ou nobre do que seu correspondente nativo. Nesse sentido, os lexemas vernáculos *ox* (“boi”), *calf* (“bezerro”), *swine* ou *pig* (“porco”), *sheep* (“carneiro” ou “ovelha”) referem-se aos animais no pasto, vivos, enquanto as formas *beef, veal, pork* e *mutton*, respectivamente, indicam o nome de suas carnes, fato bastante conhecido, mencionado inclusive no primeiro capítulo do romance histórico *Ivanhoé*, de Walter Scott, num diálogo entre os personagens Wanba e Gurth. Além desses, outros grupos de palavras apresentam relação semelhante. (cf. *freedom/liberty, hapiness/felicity, lonely/solitary, depth/profundity, help/aid, weep/cry, feed/nourish, hold back/retain, forgive/pardon, build/construct, storm/tempest* e *birthday/anniversary*.) Störig (1987, p. 169) lembra ainda que

A mesma coisa se verifica nas denominações dadas aos artesãos: as profissões simples, universalmente conhecidas, são em inglês: *baker, miller, shepherd, shoemaker*. Manufaturas “mais refinadas”, destinadas, por assim dizer, às pessoas de posse, têm denominações francesas: *painter, tailor, sculptor*.

²⁴ A título de informação, mencione-se que a forma inglesa é usada em 55% dos casos – cf. Neves (2003, *assalto*). No seguinte trecho, extraído da imprensa escrita, os dois itens lexicais aparecem: “De qualquer forma, este é mais um round na batalha que católicos e evangélicos vêm travando desde meados dos anos 90. E esse assalto parece ter sido vencido pelos discípulos de Edir Macedo.” – *Isto É*, 21.04.2004, p. 40.

²⁵ A título de informação, mencione-se que a forma portuguesa, proposta, segundo Ferreira (2010: *pré-estreia*), por Nelson Vaz, é usada em 95% dos casos – cf. Neves (2003, *avant-première*).

Por outro lado, o seguinte

exemplo ilustrará as manifestações do prestígio do inglês na língua alemã contemporânea: o de *shop*, que em inglês designa “qualquer loja”. Em alemão, o sentido se restringiu em “loja elegante e característica, geralmente pequena e onde normalmente vendem-se roupas”. Em outras palavras, exatamente o que o inglês chama de *boutique*, de uma palavra que foi emprestada do francês. Assim, parece que a palavra vinda de fora é que tem sempre mais prestígio (WALTER, 1997, p. 282).²⁶

É possível perceber fatos semelhantes aos anteriores na modalidade brasileira do português. A esse respeito, considerem-se estes exemplos: *livro/book* (catálogo de fotos dos modelos/“Utilizando a mesma tática de Francisco de Assis Pereira, o maníaco do Parque de São Paulo, segundo a acusação, ele [Natalício Martins] seduzia as moças com promessas de que montaria um *book* de fotografias delas e as encaminharia a empresários de modelos” – *O Globo*, 03.07.1999, p. 11; “Coincidência: a Dirce da novela vai virar modelo; Luciele [Di Camargo] também acaba de entrar para uma agência, com direito a *book* e tudo” – *Veja*, 30.07.2003, p. 67, *apartamento/flat* (apartamento dotado de serviços de hotel/“O navio-residência oferece confortos de um flat, como refeições em um dos quatro restaurantes de bordo ou então, mais exclusivo ainda, os serviços de um dos chefs de plantão para preparar o jantar em casa” – *Veja*, 14.11.2001, p. 60, *armário/closet* (armário espaçoso, uma extensão do quarto/“Na 36ª. mudança de apartamento de sua vida, há dois meses, Danuza Leão fez a limpa no closet” – *O Globo*, Revista O Globo, 27.11.2011, p. 36, *acontecimento/happening* (evento original e/ou sofisticado/“Durante o *happening*, Alexandre vai convidar o público a se enroscar com ele em 700 metros de plástico-bolha” – *O Globo*, Revista O Globo, 20.11.2011, p. 23, *papel/paper* (modalidade de trabalho acadêmico), *desenho/design* (desenho ou concepção de produtos sofisticados/“Quer provar? Então prepare-se: cada caixinha [de chá], com design lindo e 15 sachês 100% biodegradáveis custa, em média, R\$ 60” – *O Globo*, Zona Sul, 13.10.2011, p. 43; “O livro também destaca outras revistas com design inovador surgidas na década, como a paulista ‘Arlequim’ e a baiana ‘Arco & Flecha’” – *O Globo*, Prosa & Verso, 04.02.2012, p. 2, *desenhista/designer* (profissional que planeja e executa projetos de produtos sofisticados/“A alegoria que acompanhou a comissão de frente da escola, construída pela designer Adriana Lima, surpreendeu o público” – *O Globo*, Carnaval 2004, 24.02.2004, p. 13; “Os designers Marcelo Lima e Bernardo Senna foram além e desenharam uma cadeira como tributo aos adorados discos” – *O Globo*, Revista O Globo, 13.11.2011, p. 50, *anfitrião/host* (profissional que recebe e entretém hóspedes ou convidados), *leve/light* (ligado às ideias de saúde, de bem-estar e de comportamento moderado/“De olho no queijão dos domingos, Ratinho promete ficar mais ‘light’ em 2004” (subtít.) – *Veja*, 17.12.2003, p. 202, *promotor/promoter* (relações públicas de casa noturna ou de outro estabelecimento comercial requintado/“‘À noite, a luz cai e aumentamos o volume do som’, explica o promotor [do Bistrô do Livro] Mariano Ferreira” – *Jornal do Brasil*, Programa, 13 a 19.02.2004, p. 16, *rato/mouse* (periférico de computador), *bebida/drink* ou *drinque* (bebida alcoólica, muitas vezes, preparada com frutas/“Os drinques são criações do barman Fabiano Dias, que tem passagens pelo Zuma, em Londres” – *Jor-*

²⁶ No entanto, o contrário também acontece, como se lê em Ullmann (1977, p. 484): “A xenofobia (...) cobriu algumas palavras estrangeiras com um sentido depreciativo. O alemão *Ross* ‘cavalo, corcel’, deu o francês *rosse* ‘cavalo débil (...)’, e o holandês medieval *boeckin* ‘livrinho’ deu o francês *bouquin* ‘livro velho, livro sem valor’, embora na linguagem familiar este termo esteja agora liberto de quaisquer significações desfavoráveis. O português *palavra* tornou-se *palaver* (palavreado, tagarelice oca) em inglês.” O autor (1977: 279-80) fornece ainda outros exemplos: “As tonalidades emotivas das palavras estrangeiras nem sempre são favoráveis; em muitos casos são distorcidas por xenofobia ou por tendência ‘chauvinista’, e isso pode ter como resultado uma depreciação permanente do significado. Assim, o verbo vulgar espanhol para a ideia de ‘falar’, *hablar*, foi recebido em francês como *hâbler*, ‘gabar-se, (...) gargantear’, enquanto que os espanhóis adotaram o francês *parler* ‘falar’ sob a forma de *parlar* e deram-lhe o sentido de ‘tagarelar’.”

nal do Brasil, Programa, 19 a 25.03.2004, p. 17, *misturador/mixer* (moderno eletrodoméstico), *regador* ou *irrigador/sprinkler* (mecanismo antifogo colocado no teto das construções)“Os andares [do edifício 409 da Avenida Presidente Vargas] haviam passado por reformas, mas alguns nem tinham *sprinklers*” – *Jornal do Brasil*, 27.02.2004, p. 1, *ponto/point* (local badalado de encontro e de reunião de pessoas)“O bairro [de Ipanema] ganhará placas e estrelas douradas, identificando os principais *points*” – *Isto É*, 30.07.2003, p. 47; “Afastado do centro nervoso da cidade e com área segura para parar motos. Esta combinação está transformando o Restaurante Popular Radialista Jorge Curi, no Maracanã, em *point* de motoboys na hora do almoço” – *Extra*, 11.05.2003, p. 10; “A praça Antônio Raposo, no Centro de Araruama, é um dos *points* da cidade desde o final de dezembro” – *Extra*, 28.03.2004, p.10, *sentimento/feeling* (percepção, intuição), *jogo/game* (jogo eletrônico ou programa televisivo de competições)“Em abril ou maio, Gilberto Barros ganhará outro programa, um ‘game’, e Roberto Cabrini, o semanal ‘60 minutos’, de reportagens investigativas” (subtít.) – *O Globo*, Revista da TV, 23.03.2003, p. 10; “A nova safra de games tem aventuras e simulação de voo e de corrida para quem quer mais uma desculpa para não sair de casa” (subtít.) – *Isto É*, 30.07.2003, p. 80; “Roubadas de bola, gols e assistências são alguns dos quesitos que valem pontos no game” – *O Globo*, Revista O Globo, 20.11.2011, p. 24, *excursão/tour* (viagem sofisticada, geralmente ao exterior), *bicicleta/bike* (bicicleta moderna, geralmente para a prática de esportes)“Como grande parte dos jovens das grandes cidades, ele [o estudante André Tarantino] tem medo de andar de bike pelas ruas e evita até mesmo ir ao parque perto de sua casa” – *Isto É*, 19.11.2003, p. 94; “Da bike ao avião” (tít.) – *O Dia*, Motomania, 08.05.2004, p. 1. Também o substantivo *biker* já está sendo usado: “Patinadores e bikers vão no rastro dos skatistas, que ficam com toda visibilidade” (subtít.) – *O Dia*, Ataque, 08.05.2004, p. 5. No seguinte trecho, os dois lexemas (*bicicleta* e *bike*) aparecem: “Empreendedor, ele havia comprado seis bicicletas para levar visitantes da Chapada dos Veadeiros a cachoeiras de águas cristalinas. Há pouco tempo as vendeu para comprar novas bikes, mais apropriadas a trilhas” – *O Globo*, Prêmio Faz Diferença, 14.01.2012, p. 10²³, *cogumelo/champignon* (cogumelo comestível)“A receita leva linguiça de javali, *champignons*, mozzarella e alho frito” – *O Globo*, Revista O Globo, 13.11.2011, p. 59, *especialista/expert* (especialista em temas ou em assuntos sofisticados)“A paixão da estilista Daniela Kapeller é por matrioskas. Já possui mais de 30 em sua coleção e, como uma *expert* no assunto, explica: normalmente, elas se desdobram em seis peças, mas existem até com 30” – *O Globo*, Revista O Globo, 20.11.2011, p. 56, *verde/green* (campo de golfe)“O presidente do Banco Central, Armínio Fraga, seu filho, Silvio, e um sobrinho escaparam, ontem de manhã, de um tiroteio entre seguranças do Gavea Golf e marginais que tentavam invadir o *green* do clube, em São Conrado, informa Hildegard Angel em sua coluna” – *O Globo*, 05.07.1999, p. 1, *preto* ou *negro/black* (moeda estrangeira comercializada, de forma ilegal, no mercado paralelo), *quarto/chambre* (espécie de roupão), *estréia/première* (como informa Neves (2003: *première*), “embora exista em português o substantivo *estrela*, a palavra francesa *première* é usada para designar a primeira apresentação – geralmente de gala – de um espetáculo teatral ou cinematográfico”), *onda/ola* (espécie de comemoração feita pelos torcedores em estádios) e *família/famiglia* (família mafiosa ou criminosa)“Conde vislumbra fim da ‘famiglia’ Alencar” (tít.) – *Jornal do Brasil*, 15.11.1996, p. 4. Às vezes, a diferença básica encontra-se no nível de formalidade apresentado por duas expressões, como em *jogo de cintura/savoir-faire* e *banheiro/toilette* (*toilette*).

Pelo exposto até o momento, percebe-se que, de maneira geral, os estudos relativos aos empréstimos linguísticos têm sido realizados, basicamente, levando em conta a capacidade de ampliação lexical dessas palavras, ou seja, o que tem prevalecido é a investiga-

ção sistemática do binômio empréstimo/neologismo. Essa não é, entretanto, a única possibilidade a ser considerada. Conforme assinalou Bréal (1992, p. 183),

Toda nova palavra introduzida na língua causa nela uma perturbação análoga à de um ser novo introduzido no mundo físico ou social. É preciso algum tempo para que as coisas se acomodem e se arranjem. No início, o espírito hesita entre os dois termos; é o começo de um período de flutuação.

Assim, sob a perspectiva variacionista, os empréstimos apresentam a prerrogativa de motivar o aparecimento de formas a ele concorrentes na língua recebedora. A novidade passa a funcionar, então, como alternativa ao empréstimo. Exemplos desse processo encontram-se nos seguintes pares: *franchising/franquia*; *home page/página*; *software/programa*; *black music/música negra*; *designer/estilista*; *e.mail/correio eletrônico*; *hot dog/cachorro-quente*; *sex shop/loja de produtos eróticos*; *long board/pranchão*; *motorboy/motoqueiro*; *stress/estresse*; *drink/drinque*; *clip/clipe* etc.

Numa reportagem de jornal, lê-se que “vem do bairro do SoHo, em Nova York, um estilo de moradia que está conquistando o mundo inteiro: o *loft*, que privilegia a integração dos ambientes da casa” (*O Globo*, Morar Bem, 02.07.2000, p. 25). Sobre o mesmo tema, há esta outra: “Como nos tempos em que surgiu em Nova York, o *loft* continua atraindo quem precisa de um espaço em casa para trabalhar” (*Veja*, Veja Rio, 03.03.2004, p. 15). Já a seguinte nota veicula a informação de que “uma agência de propaganda, a Recall 3, começa a vender este mês, espaço publicitário nos tetos dos ônibus que circulam no Rio. Será a primeira experiência do gênero no Brasil. Grande como um outdoor, a novidade, para ser contemplada do alto dos edifícios, surgirá no mercado com o nome que foi lançada em Nova York, ‘insidebus’” (*O Globo*, 07.03.2001, p. 23). Por sua vez, matérias de revistas semanais esclarecem que “a proposta das *flashmobs*, reuniões-surpresa sem objetivo definido, é juntar multidões num ato rápido e bizarro. A mania começou em Nova York e logo atingiu as grandes capitais” (*Época*, 18.08.2003, p. 72) e que “Blog é uma forma contraída de *weblog*, nome da versão eletrônica dos antigos diários pessoais. (...) A mania, que surgiu nos Estados Unidos, já tem mais de um milhão de adeptos ao redor do mundo – 60 000 deles no Brasil” (*Veja*, 05.06.2002, p. 88). Por fim, uma outra reportagem informa que “os skates surgiram na década de 70, nos Estados Unidos (...)” (*Veja*, 11.02.2004, p. 98). Os textos anteriores fornecem pistas importantes acerca da causa principal para a ocorrência de empréstimos, a qual também se encontra expressa na seguinte frase do poeta latino Horácio (65 – 08 a.C.): *Verba sequuntur rem (As coisas são seguidas pelas palavras)*. É razoável supor que o criador de determinada técnica, arte, moda ou produto nomeie os frutos de seu engenho utilizando sua própria língua materna. O povo que recebe a influência cultural acaba assimilando também a linguística, consoante explica Bréal (1992, p. 172):

Os objetos úteis à vida, os instrumentos das ciências e das artes, assim como as concepções abstratas que consolidam e afinam o sentido moral, não se inventam duas vezes, mas se propagam pelos povos, para tornarem-se o bem comum de todas as nações. Parece, pois, legítimo conservar seus nomes.

Na verdade, nos dias que correm, graças ao elevado poder de penetração da língua inglesa no mundo, mesmo inventos, técnicas e produtos criados por povos falantes de outros idiomas acabam, muitas vezes, recebendo designações em inglês, o que facilita a divulgação das novidades e igualmente contribui para uma difusão ainda maior da língua de Shakespeare entre a população do planeta.

O processo (empréstimo), é fácil perceber, não é meramente linguístico. A absorção de itens lexicais alógenos é, frequentemente, apenas uma das vertentes de um meca-

nismo mais amplo de ascendência cultural. Num idioma, a presença de uma unidade léxica estrangeira constitui, não raro, evidência clara de influência cultural anterior.

Como já foi dito, o fator prestígio também pode representar estímulo para o empréstimo. Quando empregam palavras pertencentes à língua de um povo considerado, de alguma forma, superior, muitos falantes sentem-se igualmente partícipes de uma realidade tida como mais nobre do que a sua. Assim, pode-se dizer que necessidade e prestígio constituem elementos relevantes não só para o surgimento, mas também para a difusão de toda inovação linguística.

Deve-se considerar ainda que a aproximação entre povos de idiomas diferentes sempre acaba proporcionando transferências linguísticas, o que pode acontecer quando as populações em questão compartilham o mesmo território ou quando a influência é exercida a distância, situação bastante frequente na atualidade.

Países importadores de tecnologia como o Brasil, naturalmente, terminam por se tornar bastante receptivos a unidades lexicais estrangeiras. O português brasileiro – assim como as demais línguas do globo –, de algum modo, precisa oferecer a seus usuários a possibilidade de interferência em todos os setores da realidade. Se um povo não produz ciência e tecnologia, se determinada manifestação cultural, diretamente, não faz parte de seu cotidiano, ainda assim pode consumir ciência, tecnologia e cultura ou pode simplesmente falar sobre todas essas coisas. Tal situação apresenta duas facetas um tanto contraditórias e evidencia, de um lado, certo grau de deficiência por parte da comunidade cujo idioma acolhe material léxico alógeno, demonstrando também, de outro, a inserção dessa mesma comunidade num privilegiado grupo consumidor de técnicas modernas e de produtos sofisticados.

É preciso acrescentar que um item léxico alienígena também pode ser utilizado com propósitos expressivos. As palavras estrangeiras, muitas vezes, apresentam aquilo que Bally²⁷ denominou *poder evocativo*, nesse caso, a capacidade de remeter a determinado lugar ou meio sociocultural, conferindo ao texto um toque de exotismo, de originalidade ou de *cor local*.

4. Conclusões

Por tudo o que foi referido até aqui, deve ficar claro que a ideia de empréstimo se encontra preferencialmente associada ao âmbito lexical – mais especificamente às palavras ditas culturais. Além disso, a função primordial do empréstimo – fato normal e corriqueiro em toda língua viva – é justamente ser uma das possibilidades de ampliação vocabular à disposição dos falantes – um tipo de neologismo, portanto –, como reconhece Rodrigues (2004, *empréstimo*) ao afirmar que “um grande fator de enriquecimento lexical para uma língua é o empréstimo”. Carvalho (2009, p. 37) vai além e informa tratar-se o empréstimo da “forma mais produtiva de renovação lexical na língua portuguesa, em sua vertente brasileira”.

Outra observação relevante é que, quando se fala em empréstimo, quase sempre se pensa em sistemas linguísticos distintos, mas o termo, por vezes, também é aplicado a transferências entre subsistemas de um mesmo idioma.

²⁷ Charles Bally (1865-1947), discípulo de Saussure, responsável, na primeira metade do século XX, juntamente com Leo Spitzer (1887-1960), pelo estabelecimento das bases teóricas da Estilística, disciplina ligada à Linguística que visa a estudar os conteúdos afetivos e subjetivos da linguagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABAD, Francisco. *Diccionario de lingüística de la escuela española*. Madrid: Gredos, 1986.
- ALI, Manuel Said. O purismo e o progresso da língua portuguesa. In: _____. *Dificuldades da língua portuguesa*. 5. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1957, p. 179-201.
- ANDRADE, Ana Rebello de. A terminologia do empréstimo linguístico no português europeu: uma terminologia ambígua? In: DUARTE, Isabel Margarida *et al* (Orgs.). *Actas do Encontro Comemorativo dos 25 Anos do Centro de Linguística da Universidade do Porto*. Porto: CLUP, 2002, p. 35-44.
- ANTUNES, Irlandé. *Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho*. São Paulo: Parábola, 2007.
- ASSUMPÇÃO Jr., Antônio Pio de. *Dinâmica léxica portuguesa*. Rio de Janeiro: Presença, 1986.
- AUBERT, Francis Henrik. A interlíngua da tradução – um fator de risco? In: HENRIQUES, Claudio Cezar; PEREIRA, Maria Teresa Gonçalves (Orgs.). *Língua e transdisciplinaridade: rumos, conexões, sentidos*. São Paulo: Contexto, 2002, p. 209-15.
- AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. 3. ed. São Paulo: Publifolha, 2010.
- BECHARA, Evanildo. *Gramática escolar da língua portuguesa*. 2. ed. ampl. e atualiz. pelo novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.
- BERGO, Vittorio. *Pequeno dicionário brasileiro de gramática portuguesa*. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Glossário. In: *ALFA – Revista de Linguística*, 28 (supl.). São Paulo: UNESP, 1984, p. 135-44.
- _____. *Teoria linguística: teoria lexical e linguística computacional*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BLOOMFIELD, Leonard. *Language*. London: George Allen & Unwin, 1967.
- BORBA, Francisco da Silva. *Organização de dicionários: uma introdução à lexicografia*. São Paulo: UNESP, 2003.
- _____. *Pequeno vocabulário de linguística moderna*. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.
- BRÉAL, Michel. *Ensaio de semântica: ciência das significações*. Coord. e rev. téc. da trad. Eduardo Guimarães. São Paulo: EDUC/Pontes, 1992.
- CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. *Dispersos*. Nova ed. rev. e ampl. Org. Carlos Alberto Falcão Uchôa. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- _____. *Introdução às línguas indígenas brasileiras*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico/INL/MEC, 1977.
- _____. *Princípios de linguística geral*. 7. ed. com atual. ortog. Rio de Janeiro: Padrão, 1989.

CARDOSO, Wilton; CUNHA, Celso. *Estilística e gramática histórica: português através de textos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.

CARVALHO, Nelly. *Empréstimos linguísticos*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2002.

———. *Empréstimos linguísticos na língua portuguesa*. São Paulo: Cortez, 2009.

———. *Linguagem jornalística: aspectos inovadores*. Recife: Secretaria de Educação/Associação de Imprensa de Pernambuco, 1983.

———. *Princípios básicos de lexicologia*. 2. ed. rev. Recife: UFPE, 2011.

CASTRO, Yeda Pessoa de. *Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras/Topbooks, 2001.

CLEMENTS, J. Clancy. Efeitos dos processos de adoção de uma nova língua e de empréstimo linguístico na fonologia do português de Korlai. In: *Papia*, 3 (1). Brasília: UnB, 1994, p. 42-60.

CORREIA, Margarita. Terminologia, neologia e normalização: como tratar os empréstimos neológicos. In: *Terminómetro* [revista virtual], número especial: A terminologia em Portugal e países de língua portuguesa em África. Disponível em: <http://www.iltec.pt/pdf/wpapers/2005>. Acesso em: 12 set. 2012.

———; ALMEIDA, Gladis Maria de Barcellos. *Neologia em português*. São Paulo: Parábola, 2012.

COUTO, Hildo Honório do. *O que é português brasileiro*. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

———. Sítio de crioulistica da UnB. Disponível em: <http://www.unb.br/il/let/crioul/contato.htm>. Acesso em: 28 dez. 2011.

CRYSTAL, David. *A dictionary of linguistics and phonetics*. 4. ed. updated and enlarged. Oxford: Blackwell, 1997a.

———. *The Cambridge Encyclopedia of Language*. 2. ed. New York/Melbourne: Cambridge University Press, 1997b.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Os estrangeirismos da língua portuguesa: vocabulário histórico-etimológico*. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 2003.

DEROY, Louis. *L'emprunt linguistique*. Paris: Les Belles Lettres, 1956.

DUBOIS, Jean *et al.* *Dicionário de linguística*. 9. ed. Dir. e coord. ger. da trad. Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1973.

DUBUC, Robert. *Manual de terminología*. 3. ed. corrig. y actual. Trad. Ileana Cabrera. Santiago de Chile: RIL Editores, 1999.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FIORIN, José Luiz. Considerações em torno do projeto de lei nº 1676/99. In: FARACO, Carlos Alberto (Org.). *Estrangeirismos: guerras em torno da língua*. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Parábola, 2004, p. 107-25.

———. Prefácio. In: ——. (Org.). *Linguística? Que é isso?* São Paulo: Contexto, 2013, p. 7-11.

- GALLISON, R.; COSTE, D. Concep., coord. e rev. *Dicionário de didáctica das línguas*. Coord. da trad. Fernanda Irene Fonseca. Coimbra: Almedina, 1983.
- GARCÍA YEBRA, Valentín. *Teoría y práctica de la traducción*. 3. ed. rev. Madrid: Gredos, 1997, 2 v.
- GIACOMOZZI, Gilio *et al.* *Dicionário de gramática*. São Paulo: FTD, 2004.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- ILARI, Rodolfo. *Introdução ao estudo do léxico: brincando com as palavras*. São Paulo: Contexto, 2002.
- . *Linguística românica*. São Paulo: Ática, 1992.
- IODAN, Iorgu. *Introdução à linguística românica*. Trad. Júlia Ferreira. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1982.
- JESPERSEN, Otto. *Language, its nature, development and origin*. London: George Allen & Unwin, 1949.
- KOSHIYAMA, Alice Mitika. Imprensa nikkei em língua portuguesa: o fenômeno da globalização e o caso da revista *Made in JAPAN*. In: ARAUJO, Gabriel Antunes de; AIRES, Pedro (Orgs.). *A língua portuguesa no Japão*. São Paulo: Paulistana, 2008, p. 51-65.
- KRIEGER, Maria da Graça; FINATTO, Maria José Bocorny. *Introdução à terminologia: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2004.
- LANGACKER, Ronald W. *A linguagem e sua estrutura*. Trad. Gilda Maria Corrêa de Azevedo. Petrópolis: Vozes, 1972.
- LEITE, Marli Quadros. *Preconceito e intolerância na linguagem*. São Paulo: Contexto, 2008.
- LÜDTKE, Helmut. *Historia del léxico románico*. Versión española Marcos Martínez Hernández. Madrid: Gredos, 1974.
- LUFT, Celso Pedro. *Dicionário gramatical da língua portuguesa*. Porto Alegre: Globo, 1973.
- MACEDO, Walmírio de. *Dicionário de gramática*. S/L: Ediouro, 1979.
- MACHADO, Andréa. Índios guaranis entram na era da informática. *O Globo*. Rio de Janeiro, 25.11.1998, p. 17.
- . Isso, sim, é um autêntico programa de índio! ;-). *O Globo*. Rio de Janeiro, 30.11.1998, Informática etc., p. 6.
- MARTINEZ, Ron. *Inglês made in Brasil: origens e histórias das palavras do inglês usadas no nosso português*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.
- MELO, Gladstone Chaves de. *Iniciação à filologia e à linguística portuguesa*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1981.
- NASCENTES, Antenor. *Léxico da nomenclatura gramatical brasileira*. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1946.
- NEVES, Maria Helena de Moura. *Guia de uso do português: confrontando regras e usos*. São Paulo: UNESP, 2003.

- NEVEU, Franck. *Dicionário de ciências da linguagem*. Trad. Albertina Cunha; José Antônio Nunes. Petrópolis: Vozes, 2008.
- PERINI, Mário A. *Sofrendo a gramática: ensaios sobre a linguagem*. 3. ed. São Paulo: Ática, 2001.
- PHILLIPSON, Robert. *Linguistic imperialism*. Oxford: Oxford University Press, 1997.
- PISANI, Vittore. *Linguistica generale e indeuropea*. Torino: Rosenberg & Sellier, [s.d.].
- POSSENTI, Sírio. A questão dos estrangeirismos. In: FARACO, Carlos Alberto (Org.). *Estrangeirismos: guerras em torno da língua*. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Parábola, 2004, p. 163-76.
- RAJAGOPALAN, Kanavillil. *Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética*. São Paulo: Parábola, 2003.
- ROBINS, Robert Henri. *Linguística geral*. Sup. da trad. Wilson Chrisóstomo Guarany. Porto Alegre: Globo, 1977.
- ROCHA, Luiz Carlos de Assis. *Estruturas morfológicas do português*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- RODRIGUES, Adriano Duarte. *Comunicação e cultura: a experiência cultural na era da informação*. 2. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1999.
- RODRIGUES, Diego *et al.* (coord. edit.). *Larousse ilustrado da língua portuguesa*. São Paulo: Larousse do Brasil, 2004.
- SANDMANN, Antônio José. *Morfologia lexical*. São Paulo: Contexto, 1992.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. Trad. Antônio Chelini *et al.* São Paulo: Cultrix, 1969.
- SECO REYMUNDO, Manuel *et al.* *Diccionario del español actual*. Madrid: Aguilar, 1999.
- SIMÕES, Darcilia. *Considerações sobre a fala e a escrita: fonologia em nova chave*. São Paulo: Parábola, 2006.
- SPALDING, Tassilo Orpheu. *Dicionário brasileiro de gramática*. São Paulo: Cultix/INL, 1971.
- STEINBERG, Martha. *Neologismos de língua inglesa*. São Paulo: Nova Alexandria, 2003.
- STÖRIG, Hans Joachim. *A aventura das línguas: uma viagem através da História dos idiomas do mundo*. Trad. Glória Paschoal de Camargo. São Paulo: Melhoramentos, 1987.
- TAGLIAVINI, Carlo. *Orígenes de las lenguas neolatinas: introducción a la filología romance*. Trad. Juan Almela. México, D. F.: Fondo de Cultura Económica, 1993.
- TRASK, R. L. *Dicionário de linguagem e linguística*. Trad. Rodolfo Ilari. Rev. téc. Inge-dore Villaça Kock; Thaís Cristófaros Silva. São Paulo: Contexto, 2004.
- ULLMANN, Stephen. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. Trad. J. A. Osório. 4. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1977.
- VIARO, Mário Eduardo. *Etimologia*. São Paulo: Contexto, 2011.
- VILELA, Mário. *Estudos de lexicologia do português*. Coimbra: Almedina, 1994.

WALTER, Henriette. *A aventura das línguas no ocidente: origem, história e geografia*. Trad. Sérgio Cunha dos Santos. São Paulo: Melhoramentos, 1997.

ZILLES, Ana Maria Stahl. Ainda os equívocos no combate aos estrangeirismos. In: FARACO, Carlos Alberto (Org.). *Estrangeirismos: guerras em torno da língua*. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Parábola, 2004, p. 143-61.